

**Resumo:** O artigo trata da saúde e da condição humana da doença, que recebe tratamento especial em hospitais, clínicas, ou em casa, através de médicos e/ou enfermeiros, preocupados não só em aliviar o sofrimento mas em restabelecer o bem-estar do doente. A Bíblia não dissimula o problema do sofrimento, analisado especialmente no capítulo sobre o livro de Jó. No segundo capítulo é abordada a mesma problemática no livro de Tobias. No terceiro capítulo é desenvolvido o estudo sobre o clamor dos oprimidos nos Salmos, como linguagem autêntica dos que sofrem.

**Abstract:** The present article concentrates on the human condition of health and disease which receives special treatment in hospitals, clinics and infirmaries provided by medical doctors and nurses to alleviate the pain so that their lives continue to enjoy undiminished growth to perfection both of soul and body. The Bible does not dissimulate the problem of suffering, as can be seen in the life of Job struggling against despair and advancing in virtue. A similar approach to suffering and different conditions is dealt with in a close-knit family of Jews outside of Palestine. Special light is shed on this theme in the book of Psalms where suffering is shared among the faithful in prayer addressed to God begging for mercy and cure.

## Na saúde e na doença

*Luís Stadelmann, SJ\**

---

\* O autor, Doutor em Línguas e Literatura Semíticas, Cincinnati, e Mestre em Ciências Bíblicas, é Professor no ITESC.



## Introdução

Só existe um ponto de referência válido e imprescindível, a partir do qual se pode falar da doença de alguém próximo de nós: e este ponto é, paradoxalmente, o estado de saúde de um membro da família. Trata-se de um ponto de referência válido, pois só tem de veras capacidade de cuidar de um enfermo quem o tem em grande estima e quer minorar o sofrimento e ajudar na recuperação da saúde. Neste sentido, a doença não é a última palavra nem o estágio final de uma vida sofrida, mas o ponto de partida do combate contra a enfermidade. Representa também o preço pela cura do mal, que estava abalando o organismo humano, e marca o início de um surto de novas energias que abrandam os traumas e preparam o restabelecimento da saúde.

### 1 Jó, o enfermo

A mulher de Jó mostra seu carinho no tratamento dele durante a enfermidade. Seus sentimentos de solidariedade são motivados pela convicção religiosa de que Deus não fica alheio ao sofrimento do seu marido. Sua crença em Deus se baseia na concepção em voga entre os fiéis da comunidade, que acreditam na doutrina sobre a retribuição divina. À luz dessa mentalidade, a esposa procura aliviar o sofrimento atroz de seu marido recorrendo a uma medida drástica, isto é, rogando uma praga. Por isso ela aconselha:

*“Amaldiçoa a Deus e morre de uma vez!” (Jó 2,9)*

A mulher quer induzir o marido ao pecado quando lhe sugere que amaldiçoe a Deus. Por estranho que pareça, essa sugestão parece bem intencionada, porque ela pensa que Jó, ao proferir a maldição, seria repentinamente fulminado pelo raio da vingança divina e a morte haveria de livrá-lo do sofrimento<sup>1</sup>. Aliás, é frequente que tais pensamentos surjam na mente do enfermo, insinuando uma morte repentina como término de todo o tipo de dores e como último recurso para encontrar alívio, quando outros meios não adiantam mais para minorar ou acabar com a tribulação da alma e do corpo. Entretanto, não é só o sofrimento que causa um desgaste nas energias do organismo, mas também a experiência da invalidez entre os paraplégicos, que desanimam diante da frustração ao

<sup>1</sup> L. Stadelmann, *Itinerário espiritual de Jó*, Ed. Loyola, São Paulo, 1997, p. 91.



continuar sentados numa cadeira de rodas, sem se locomoverem por si mesmos, mas somente com a ajuda de outros. Igualmente, os desengañados de qualquer melhora de uma saúde abalada, estão sujeitos a uma provação que vai além de suas forças e sucumbem ao desânimo, enquanto que outros, durante anos, não perdem a esperança por um milagre que os restabeleça novamente. Outros falam da doença sem ressentimento ou autocomiseração, sem fatalismos, sem indagações – por que logo eu? – que subentendessem a injustiça do Universo contra a fragilidade de um ser pacífico e solitário. O câncer é meu amigo. Ele me ensinou a olhar o mundo com pureza<sup>2</sup>. Nessa situação, somente quem tem a virtude heroica da perseverança consegue superar a deficiência sem desfalecer, alimentando um ânimo sempre renovado e iniciando cada novo dia com a graça de Deus sem incriminar o destino cego ou a fatalidade da vida pelo mal que o aflige.

O *livro de Jó* tem uma novidade a oferecer na abordagem da teologia bíblica que serve de base para a pastoral dos enfermos. Coloca no pelourinho da crítica da experiência humana todo o sofrimento dos enfermos, dos seus familiares e dos agentes de pastoral que se solidarizam com os oprimidos pela doença. Se fosse apenas a doença que precisa de tratamento, bastaria elencar terapias e curativos para todo o tipo de enfermidade. Porém, quando entra em jogo o estado espiritual dos enfermos, o problema abarca também a motivação religiosa da vivência da fé entre os fiéis como também na sociedade secularizada. Pois os dois ambientes se revezam mutuamente ou se alternam entre si e então as duas atitudes religiosas coexistem uma ao lado da outra; isto significaria que tanto uma como outra têm seu direito de existir e entram em pauta no diálogo inter-religioso. Ora, Jó afirma que Deus não é como dizem e como lhe fora ensinado pela tradição religiosa da teologia do AT até então. Por isso, Jó se coloca frente aos seus amigos: Elifaz, Bildad, Sofar, e Eliú. Esses quatro interlocutores de Jó exercem o múnus de teólogos, como é indicado pelos diferentes nomes hebraicos que cada um atribui a Deus<sup>3</sup>: Elifaz designa Deus pelo nome de *'elôha* (Jó 4,9), Bildad dá-lhe o nome de *'el* (Jó 8,3), Sofar chama-o *šadday* (Jó 11,7), Eliú invoca *'elohîm* (Jó 32,2); quanto a Jó, ele se refere a Deus pelo nome de *'adonay* – SENHOR (Jó 1,21). Esses teólogos têm o papel de guardiães do patrimônio da fé

<sup>2</sup> Maicon Tenfen, *Crônica* no DC (22/10/2011).

<sup>3</sup> A multiplicidade de nomes atribuídos a Deus não é indício de politeísmo, pois se trata do mesmo Deus (monoteísmo), mas explica-se como alusão aos vários interlocutores em diálogo com Deus, mencionados no livro.



israelita transmitida desde várias gerações durante séculos (8,8-10). Sabem precisamente o que se passa entre Deus e os homens, pois Ele sempre retribui o bem com prosperidade e o mal com adversidade. Anteriormente, o próprio Jó acreditara nisso (29,18-20; 30,26). Os fatos, porém provam o contrário; provam-no, sobretudo, as próprias experiências de Jó. A sua profunda miséria, descrita nos capítulos I e II, em forma dramatizante, não pode ser explicada por tal doutrina. Por isso, os diálogos do livro estão cheios de lamentos, queixas e brados de descrença no Deus da tradição (p.ex., 9,17.22-24. 30-31; 19,6-8; 21,7-33; 27,2), de quem diz Jó amargamente: “Ele aflige o justo como o ímpio” (9,22).

A dogmática formulada pelos amigos procura refutar os sentimentos de Jó, que se esforça por superá-los. Jó, porém, fã-los valer como são. Contudo, não permite que lhe tirem a fé em Deus. O absurdo dessa experiência faz de Jó um homem dilacerado, com uma fé dilacerada. Ele sentia Deus como seu inimigo (13,24; 19,11; 33,10) e, todavia, se agarra a Ele como seu salvador, expressando sua convicção sem deixar-se abalar por nada:

*Eu sei que meu redentor está vivo,  
e que no final se erguerá sobre o pó,  
e através de minha pele retalhada,  
na minha carne, verei a Deus.  
Eu verei aquele que está a meu favor,  
e meus olhos O contemplarão, e não a um adversário.  
Meus rins se abrasam dentro de mim (Jó 19,25-27).*

Este texto abre um vislumbre do destino glorioso do ser humano após a morte, e precisamente no momento do desenlace<sup>4</sup>. A mesma expectativa baseada na revelação divina é expressa pelo autor do salmo 73, que se torna uma voz imortal das mais empolgantes que no AT exaltaram a união perene com Deus após a morte. O salmista baseia sua fé no fato de que esta união, para ser verdadeira, não pode ser temporária – em ocasiões de enlevo espiritual – e, por isso mesmo, tem de estender-se para além da morte, perpetuando-se na glória celeste:

*Mas eu estou sempre contigo,  
tu me tomaste pela mão direita,  
tu me guiarás segundo teus desígnios,  
e no fim me acolherás na glória.*

<sup>4</sup> Ver interpretações alternativas em L. Stadelmann, *op. cit.*, p. 98-99.



*Se tu, a quem eu tenho no céu, estás comigo,  
nada mais desejo na terra.  
Embora minha carne e meu coração definhem,  
Deus é a rocha do meu coração,  
e minha herança para sempre (Sl 73,23-26).*

A doutrina que fundamenta sua crença baseia-se na revelação sobre a Aliança sagrada entre Deus e o Povo Eleito, estabelecendo a relação de amizade divina para fins de salvação dos fiéis<sup>5</sup>. A salvação de Deus envolve a libertação dos males como também o enriquecimento com dons divinos.

Por esse motivo, o *livro de Jó* não é o livro da ausência de Deus. É, porém, o livro que, mais que qualquer outro escrito da Bíblia, atesta que a concepção tradicional de Deus não resiste à experiência da desgraça, da doença, do sofrimento, das calamidades e da morte. A experiência e a realidade são mais fortes que uma teologia teórica sem relação com a vida. E, por isso, a atitude de Jó é de contestação, contra a vivência secularizante da fé. Falta-lhe, porém, a dimensão da significação do sofrimento nos homens que *sofrem com sentido*, como Jesus Cristo, paradigma dos sofredores: a experiência cristã assume o sofrimento com a lucidez que procede da fé. É que o sofrimento de Jesus Cristo tem função salvífica na obra de redenção da humanidade. Entretanto, somente na existência terrena de Cristo é que o término da vida biológica (por uma morte violenta) tem dimensão salvífica, ao passo que para o gênero humano é meramente o fim de um capítulo da peregrinação terrena.

A guinada entre os discursos do homem sobre o problema de Deus, elaborados a partir de intuições individuais, acontece no momento em que se procede da reflexão sobre a palavra de Deus dirigida aos homens. Para começar, Jó se dá conta de que o sofrimento não é propriamente um corretivo, como se Deus o perdoasse e lhe desse em recompensa a cura com a condição de ele aceitar tal situação e confessar seu pecado. Um dos teólogos aventou a teoria de que o sofrimento tem função pedagógica (Jó 33,14-25). Daí que não se trataria de perguntar pelo porque, mas para quê. Mas todas essas teorias não são adequadas porque não ajudam a sair da dialética judicial, do tema da retribuição e do círculo «pecado – sofrimento» em que Jó se debatia sem saída. À luz do discernimento e da avaliação das tentativas de explicação, descobre-se que

<sup>5</sup> Cf. L. Stadelmann, “Religiões bíblicas baseadas na Aliança Sagrada”, nesta revista: *Encontros Teológicos*, Ano 26, Fasc. 1, Nº 58, 2011, p. 93-106.



não se chega a Deus pelo entendimento, mas pela *adoração*. É concedida ainda a Jó uma breve palavra para reconhecer sua insensatez e proclamar o conhecimento nascido do encontro: “Conhecia-te apenas de ouvido, agora, porém, viram-te meus olhos” (Jó 42,5). A essa altura, Jó se cala. Não mais reclama por seu sofrimento, nem continua defendendo sua inocência. Esta só lhe servia para que Deus o chamasse de justo. Por vias inesperadas, porém, Deus o curou do sofrimento, tornando-o justo ao dirigir-lhe a palavra.

O drama sagrado de Jó mantém de pé o sofrimento como problema teórico. O autor pretende dizer que devemos aprender a suportar, em tranquila convivência, esse e outros desígnios inescrutáveis de Deus referentes ao homem. Não obstante, revela muito sobre o sofrimento. Conhece-o como sintoma da efemeridade da natureza humana, e como vaga agressão do demônio. Também o reconhece como sinal de provação pela qual Deus aposta no homem que crê, como medida corretiva de erros e pecados, e como escola que educa para a maturidade. A figura de Jó não demonstra intenção explícita de sofrimento «pelos outros», como a do Servo do SENHOR<sup>6</sup> e a do Cristo (1Pd 2,21). Revela, não obstante, um processo luminoso e esperançoso. Tanto pode levar a resignar-se com a perdição como infundir ânimo para a busca da vida, e conduzir ao encontro com Deus como redentor (hebr. *go'el*). É este, precisamente, o processo da história da salvação. Jó percorreu com audácia o seu caminho, sofrendo, questionado pelos representantes da religião. Nisto consiste seu serviço e sua solidariedade pelos outros.

A conclusão a que chegou, por meio da reflexão teológica sobre os dados da razão da experiência e do diálogo, veio-lhe ao penetrar nos arcanos da Providência divina. Percebeu, por fim, que na sua pesquisa estava em jogo, além da inteligência, a abertura de coração, a liberdade de espírito, o rigor moral. São atitudes religiosas elucidando que a sabedoria do homem vem de Deus, não é algo que sobe de baixo para cima, mas que desce de cima para baixo, uma luz de Deus que ilumina a inteligência. Por isso, Jó pode afirmar que seus olhos *viram a Deus*

<sup>6</sup> Os quatro oráculos do profeta Isaías são profecias sobre o Messias-Mártir na figura sofrida do “Servo do SENHOR”: 1º Is 42,1-4; 2º Is 49,1-6; 3º Is 50,4-9; 4º Is 52,13-53,12. Esta figura do Messias como “Servo do SENHOR” se identifica como Messias-Mártir e se distingue de outras figuras do AT: Messias-Rei; Messias-Sacerdote; Messias-Profeta; Messias transcendente; Messias nacionalista.



(Jó 42, 5), isto é, o Deus da interioridade, não da exterioridade<sup>7</sup>. Deus já não é como que objeto de sua reflexão e de suas palavras e, sim, o Pai amoroso com quem entrou em comunhão com humildade e penitência (Jó 42,2-6).

## 2 Tobias e sua família

Entre os livros bíblicos que tratam de temas de grande relevância na atividade pastoral das comunidades de fé encontram-se os da Literatura Sapiencial<sup>8</sup>. São livros cuja leitura leva o leitor por via sapiencial a descobrir uma dimensão da vivência da fé sem polêmica nem controvérsia, porque se visa desvendar uma mensagem divina que não surge por intuição da inteligência humana e, sim, por uma comunicação transmitida por via da vivência da fé entre pessoas que têm também uma missão pastoral. Vale dizer, a fé-experiência e a fé-prática precedem o encontro com Deus. Na lista de reflexão está a tese sobre a *perfeição humana* que precisa ser testada para comprovar sua autenticidade. Assim, na secção dos escritos sapienciais encontra-se o *livro de Tobias*, entre outros, que, no conjunto de temas existenciais dos judeus da diáspora<sup>9</sup>, aborda a temática da provação da fidelidade na fé. Nessa linha de vivência da fé de quem está conturbado por tensões internas e externas,

<sup>7</sup> A experiência espiritual de Jó, descrita aqui em termos de “ver a Deus”, não é a mesma do texto anterior (19,26-27) que trata da visão beatífica após a morte, quando Jó verá a Deus como redentor que “aparecerá finalmente sobre o pó (do sepulcro)” (19,25). A diferença fundamental entre os dois textos está na experiência espiritual: no primeiro caso, trata-se da esperança escatológica (19,25-27); no segundo caso, o tema é a interação entre fé e experiência atual (42,5).

<sup>8</sup> Cf. L. Stadelmann, “Roteiro de atividades pastorais na Bíblia: Livros sapienciais do AT e Diáconos no NT”, em *Encontros Teológicos*, Ano 24, Nº 54, Fasc. 3, 2009, p. 113-132. *Jó*: pastoral dos enfermos; *Provérbios*: pastoral da família; *Eclesiastes*: pastoral dos universitários; *Eclesiásticos*: pastoral da formação religiosa dos adultos; *Sabedoria*: pastoral da formação religiosa dos jovens; *Rute*: pastoral dos refugiados; *Tobias*: Curso dos Noivos; *Judite*: pastoral dos fiéis em ambiente hostil; *Ester*: pastoral da liturgia (instituição da festa judaica de *Purim*); *Cântico dos Cânticos*: pastoral da coesão social: o resultado dessa pastoral é a salvaguarda contra a divisão da religião israelita em seitas, tanto assim que durante todo o período da história do AT conservou-se uma unidade indivisível do Povo Eleito em sua adesão à Aliança sagrada até a vinda de Jesus Cristo. Não houve portanto uma separação entre a fé dos israelitas de Judá e a dos repatriados vindos da Babilônia.

<sup>9</sup> O termo é uma transliteração do grego διασπορα – diáspora “dispersão” como lugar das comunidades judaicas fora da Palestina.



acabamos de analisar acima a mesma temática no prólogo (cap. I e II) do *livro de Jó*. O autor do livro desenvolve esse assunto em forma dramatizada por vários protagonistas: Deus e Satanás, depois Jó e seus amigos que travam um diálogo em estilo de diatribe. No *livro dos Salmos* citamos o Sl 73 (72), tratando desse tema em ambiente de oração comunitária durante a celebração da liturgia no Templo. Teoricamente, são objeções à doutrina da retribuição, que relaciona a prosperidade dos seres humanos com a recompensa pela vida piedosa. Como questão existencial, o salmista exprime a perplexidade ante a escandalosa ostentação e prosperidade dos ímpios e a desventura dos justos, sob o olhar impassível de Deus. Todavia, o justo não abandona a causa de Deus para tentar a sorte dos ímpios. Sua fidelidade a Deus é descrita em termos de prática de ascese e de atos religiosos, como o rito de ablução para confirmar o testemunho de inocência. Segundo a concepção do AT, é por genealogia que as gerações participam da salvação divina realizada na história. Através da opção de sair da neutralidade e enfrentar o problema da retribuição, revivido no íntimo da alma, e mediante a busca da presença de Deus no santuário, dá-se um desfecho positivo à crise de fé.

No *livro de Tobias*, aparecem em cena o pai de família e sua esposa, o filho e seu anjo da guarda. O cenário é a cidade de Nínive, onde se desenrola o drama de Tobit. Este, que repentinamente ficou cego, por isso dependia totalmente dos cuidados de Ana, sua esposa, que lutava contra a provação da deficiência física do esposo e enfrentava o problema da subsistência em meio à pobreza. Devido à ausência do filho no lar, coube à esposa tomar conta da casa e do enfermo, dispensando-lhe todo o atendimento sem previsão de recuperar a visão. Mas a proteção do anjo da guarda acompanhando o filho na viagem a Ecbátana, e a sua providência para recuperar a visão do pai, abriram um vislumbre sobre a atuação de Deus na história da salvação. O próprio anjo Rafael revela como Deus lida com os conflitos na vida dos homens: sem impor soluções milagrosas ou oferecer saídas honrosas, Ele intervém por meio da *sinergia*, dando o início, a execução e o resultado da obra salvífica juntamente com a colaboração humana (Tb 12,12-20). Destarte, a solicitude divina despertava as obras de caridade de Tobit; o amor a Deus suscitava o desvelo da mulher pelo marido; a espiritualidade inspirava



a Tobias não só interceder a Deus pela cura da cegueira do pai, mas também, pela expulsão do demônio que martirizava Sara, sua noiva; a oração dos pais pela proteção do filho foi providencial no seu retorno à casa são e salvo.

O diálogo inter-religioso se enriquece com a troca de ideias baseadas no *livro de Tobias*. Logo de início, convém situar o tema “na saúde e na doença” no contexto do livro, cujo objetivo é servir como texto base do «Curso dos Noivos». Os assuntos apresentados para reflexão em grupo constam na lista dos requisitos a serem estudados pelos noivos e pelos pais. Chama nossa atenção a encenação dramática do tema “na saúde e na doença”. Nisso se ressalta o modo pedagógico de abordar questões vitais da vivência humana: temas existenciais da vida são ensinados por mestres (pais e educadores) que primam pela qualidade de *modelo* e, não meramente por adultos, que falam da boca para fora, sem vivência interna. Exemplos vivos, como modelos de ensino, são Tobit, o pai do noivo, e Ana, sua mulher, além de Tobias e Sara, ambos servindo de colunas da comunidade dos fiéis.

### 3 O clamor dos oprimidos nos Salmos

A linguagem do sofrimento nos Salmos quer dar uma oportunidade para o coração poder se desabafar diante de Deus especialmente na celebração litúrgica, a fim de convidar os fiéis para fazer suas as palavras dos oprimidos e dirigi-las a Deus<sup>10</sup>. A prece dos Salmos serve para formular diante de Deus a experiência do sofrimento de muita gente, e expressar a solidariedade com eles, em uma linguagem comum. O clamor dos oprimidos, a tortura dos abandonados, a dor dos enfermos, a amargura dos frustrados, tudo converge para o texto dos Salmos, direcionando todas as queixas a Deus. É importante notar, porém, que o protagonista dentro do Salmo não é um auto-retrato do salmista e, sim, é porta-voz do clamor de gente sofrida apelando ao SENHOR, porém sem acesso à liturgia sagrada. Era preciso, portanto, garantir-lhes o acesso à presença de Deus, pois é ali que Ele se torna presente na oferta

<sup>10</sup> Convém lembrar que a oração comunitária inclui preces que os fiéis facilmente haviam de esquecer, como p.ex. agradecimento pelo auxílio divino, louvor a Deus como Criador e Benfeitor, sufrágio pelos falecidos, perdão dos pecados, intercessão pelos necessitados e pela harmonia entre os povos, e salvação da humanidade etc.



do sacrifício litúrgico para ratificar a Aliança sagrada, tanto no AT como no NT:

*O SENHOR está próximo de todos os que o invocam,  
de todos os que o invocam com sinceridade.  
Ele cumpre os desejos dos que o adoram<sup>11</sup>,  
escuta seu clamor e os salva (Sl 145,18-19).*

A função dos fiéis participando da liturgia comunitária é valorizada pelo fato de que seu apelo na oração tem repercussão na vida da comunidade, tanto na ecologia humana como na ecologia espiritual:

*Não são os mortos que louvam o SENHOR,  
nem os que descem à região do silêncio.  
Mas somos nós que bendizemos o SENHOR,  
desde agora e para sempre (Sl 115,17-18).*

O estilo marcante dos Salmos de súplica não tem paralelo em outros textos da Bíblia, porque os salmistas dramatizam a prece confiante do homem aflito, e sua fé em Deus. Nisso se diferenciam da linguagem de sofrimento nos livros proféticos, onde os autores sacros apresentam os problemas existenciais dos cidadãos do Povo Eleito. Surge a pergunta pelo motivo de o salmista formular a prece em forma poética, ao passo que a Oração Eucarística e os outros textos litúrgicos estão redigidos em prosa. A razão desse motivo reside na peculiaridade da cultura dos semitas, que escreviam em poesia assuntos importantes para a existência humana. Além disso, cânticos religiosos destinados às gerações futuras estavam em poesia. Igualmente, a intuição poética assume vivências alheias e converte-as em sua própria criação. Por fim, poemas prestam-se à recitação, ao passo que textos em prosa destinam-se à leitura.

A prece dos enfermos nos Salmos não se reduz, porém a um desafo do coração, porque repercute na vivência da fé de toda a comunidade do Povo Eleito. É que o clamor dos oprimidos sobe até Deus como apelo premente pela *presença atuante* de Deus na liturgia e na vida. Com especial atenção à ação divina na vida humana, longe do Templo e da liturgia sagrada. É ali, fora do Templo, que os fiéis têm que exercer a atividade cotidiana, enfrentando os problemas de um ambiente secularizado. Já era

<sup>11</sup> Os fiéis rendem a homenagem de louvor a Deus pela “adoração” na liturgia. O salmista usa o termo “temer”, já que o hebraico não tem o verbo “adorar” e por isso toma emprestado do cerimonial da corte a atitude reverencial dos súditos diante do soberano.



conhecido de todos que a Bíblia celebra um privilégio único na história da revelação divina na história de Israel:

*Pois qual é a nação que tem deuses tão próximos,  
como o Senhor nosso Deus, sempre que o invocamos? (Dt 4,7).*

Essa presença precisava ser confirmada em termos de uma presença atuante de Deus junto aos fiéis, precisamente quando sentiam sua ausência por causa da doença e do ostracismo da celebração litúrgica, já que os enfermos não tinham voz nem vez nos átrios do Templo. Pois os teólogos do AT viam em todo sofrimento a força da morte em ação. A pergunta pelo sentido, a pergunta *por quê?* brota dessa ameaça que a vida sadia vê no dinamismo da morte atuante através do sofrimento. A pergunta só pode ser dirigida a Deus através do sofrimento, e se não for a Ele, a quem mais? Em cada «por quê» de um sofredor, ferido, desesperado, marginalizado, o homem lança a pergunta para a altura do Infinito.

Lembremos também que os Salmos propõem uma espiritualidade dinâmica e não passiva. Pois a eficácia da salvação divina, revivida no contexto cultural, é transportada para o ambiente extracultural, já que os Salmos expressam o pedido a Deus para que acompanhe os fiéis com sua ajuda na vida concreta, e venha em auxílio dos necessitados e oprimidos, distantes do Templo:

*Feliz quem cuida do desvalido!  
No dia da desgraça, o SENHOR o libertará.  
O SENHOR vela por ele e o conserva em vida,  
e ele é tido, na terra, por bem-aventurado.  
– Tu não o entregas à sanha dos seus inimigos –.  
O SENHOR o assiste em seu leito de enfermidade.  
– Na doença tu lhe amacias a cama (Sl 41,2-4).*

O salmista trata da situação de bem-aventurança prometida ao homem caridoso, quando, em desgraça, perigo ou enfermidade, reza pela intervenção de Deus. A prospectiva dessa segurança na vida faz com que se encare com confiança o futuro incerto, valorizando-se o presente na fruição da vida como dom divino.



O apelo para Deus atender as preces do homem aflito inclui também os sentimentos de tribulação daquele que está oprimido pelo sofrimento:

*Anotaste minha vida errante:  
recolhe em teu odre minhas lágrimas!  
Não consta tudo em teu livro? (Sl 56,9)*

O motivo de recolherem as lágrimas, derramadas na aflição, visa expressar a compunção e vivo anseio por manter-se fiel a Deus, suportando as mais diversas agruras. Rezando com gemidos em meio à dor intensa e, desfazendo-se em pranto, com lágrimas caindo gota a gota num odre, simboliza o gesto de alguém que quer apresentá-las como evidência e comprovante do heroísmo em guardar fidelidade a Deus. Referências aos atos humanos realizados em vida constam em vários livros a serem abertos no juízo final, entre os quais está o registro das obras, boas ou más, de cada pessoa (Ap 20,12). É uma maneira sugestiva de inculcar, na mentalidade dos fiéis, um ensinamento de validade perene sobre a responsabilidade de seus atos perante Deus. É que os atos cometidos acompanham a pessoa durante a vida inteira, mudando-se, porém, a avaliação, dos que foram perdoados por Deus.

O oráculo divino proferido no Templo tem sua confirmação de autenticidade na história de Israel:

*Deus, em seu santuário, falou:  
“Triunfante, partilharei Siquém  
e lotearei o vale de Sucot.  
Meu é Galaad, meu é Manassés;  
Efraim é o capacete de minha cabeça;  
Judá, o meu cetro;  
Moab é a bacia em que me lavo;  
sobre Edom lanço minha sandália.  
Filisteia, levanta, pretenciosa, a voz contra mim!” (Sl 60,8-10).*

Esse oráculo de vitória, vaticinado em tempos idos, tem a promessa de sua concretização no futuro. Sua validade será demonstrada no presente, apesar da aparente prova em contrário, fornecida pela situação de Israel com reduzido espaço de autonomia territorial. Deus deu a terra de Canaã em posse perpétua ao povo de Israel, sendo o reino do Norte o capacete, e o reino do Sul – pela dinastia de Davi, com sede em Jerusalém – o cetro da nação israelita. A reconquista das províncias separadas – Moab, Edom e Filisteia – e de outros territórios, de um e outro lado do rio Jordão,



outrora ocupados por Israel, continua sendo a meta do povo israelita, ainda que a geração atual falhasse em concretizá-la. O protagonista é Deus em pessoa que intervém na história.

O Salmo 65(64), de ação de graças, presta homenagem a Deus no Templo e expressa a gratidão pela munificência divina na vida do trabalho agrícola:

*Visitas a terra, irrigando-a  
e enriquecendo-a com prodigalidade;  
com divinal ribeiro, cheio de água,  
lhe preparas os trigais.  
Assim a preparas:  
regas seus sulcos, nivelas suas glebas,  
com chuvas a amoleces, abençoa o crescimento.*

*Coroas o ano com teus benefícios,  
e de teus rastos emana a fartura.  
Da estepe emanam pastagens,  
e as colinas revestem-se de alegria.  
As campinas cobrem-se de rebanhos,  
e os vales vestem-se de trigais,  
ecoam vozes jubilosas e cânticos (Sl 65,10-14).*

O salmista não tem por objetivo romantizar a sociedade agrária e, sim, quer conscientizar os fiéis a levar em conta o desígnio de Deus na natureza como também no trabalho humano. Sinais da munificência divina manifestam-se na abundância de chuvas, fertilidade do solo e fartura de colheitas, que constituem os fatores indispensáveis para a subsistência do lavrador, cuja cultura e vida estão arraigadas na terra; para a população urbana, há fatores análogos precisando da bênção divina para lhe assegurar o sustento. Tanto as comunidades de trabalho como os grupos de vida têm um vínculo imanente com algo que os transcende: a união com Deus. A Ele os homens se elevam, quando se reúnem na comunidade de fé para celebrar a liturgia do louvor divino.

O Salmo 68 (67) é um hino solene que evoca a epopeia triunfal de Israel, entoado na solene procissão da Arca da Aliança. A atuação de Deus é descrita em termos de epifania cultural, que evoca a marcha dos israelitas pelo deserto, liderados pela coluna de nuvem, que, como símbolo da presença de Deus no Êxodo, pairava sobre a Arca. A citação da palavra de comando de Moisés,



pondo em marcha o povo de Israel, pode exprimir desejo de triunfo divino ou desafio aos inimigos (Nm 10,35). Entretanto, a solene procissão, acompanhada pela narração dos episódios históricos de salvação, não tem por objetivo apenas evocar o passado e, sim, tornar sempre presente o fato da libertação da escravidão e do enriquecimento de dons salvíficos, como ação divina sempre atual, para suscitar nos fiéis da procissão, a experiência existencial da presença de Deus na vida.

A prece do Salmo 74,3 é formulada como pedido insistente para que Deus venha aproximar-se das ruínas da cidade de Jerusalém, destruída após a invasão dos exércitos babilônios (em 586 aC.). Após a destruição do santuário, havia apenas um local provisório para acolher os fiéis, reunidos em oração:

*Dirige teus passos para estas eternas ruínas!  
O inimigo tudo devastou no santuário (Sl 74,3).*

A vinda de Deus para intervir na vida humana acontece também no tribunal de condenação dos ímpios:

*Deus é que vem fazer justiça:  
a um rebaixa, a outro eleva.  
O SENHOR tem na mão uma taça,  
cujo vinho espuma, cheio de mistura;  
dele dá a beber: sorvem-no, até à borra,  
bebem-no todos os ímpios da terra (Sl 75,8-9).*

Trata-se de uma advertência profética, dirigida aos fiéis para não aguardarem em vão uma solução vinda dos homens, onde quer que residam, perto ou longe, pois somente Deus é a autoridade suprema dos acontecimentos da história e supremo Juiz da humanidade, e por isso dele se deve esperar uma intervenção salvífica. À sentença judicial seguirá sua execução, sem direito à apelação a outra instância. Quanto à “taça de vinho”, estendida ao supliciado, trata-se de um procedimento judiciário, então em voga, indicando a imediata aplicação da pena capital.

O tema da presença atuante de Deus junto aos fiéis é mencionado nos Salmos não só na vinda de Deus como Salvador do Povo Eleito, mas também no contexto histórico da calamidade nacional, quando o Templo



de Jerusalém foi destruído. Os Salmos de protesto (Sl 44; 80; 89) são um lamento coletivo contra a atuação de Deus como causa principal da destruição, ao passo que os exércitos babilônios eram mera causa instrumental:

*Entregaste-nos como ovelhas de abate,  
entre as nações nos dispersaste (Sl 44,12).  
Derrubaste todas as suas muralhas,  
desmantelaste suas fortalezas.  
Saquearam-no todos os transeuntes,  
ele tornou-se o ludíbrio dos vizinhos.  
Exaltaste a destra dos seus adversários  
e alegraste todos os seus inimigos.  
Embotaste o fio de sua espada  
e não o apoiaste na batalha (Sl 89,41-44).*

O objetivo da iniciativa de Deus era acabar com a vinculação entre a religião do Povo Eleito e o Estado de Israel, eliminando as estruturas do Estado teocrático da nação israelita que dava respaldo e sustentação ao nacionalismo judaico. E já que os habitantes de Judá não queriam de modo algum que a religião se emancipasse do Estado, o próprio Deus de Israel tinha de intervir para fazer a separação entre a religião do Povo Eleito e Estado, levando os judaítas ao Exílio da Babilônia<sup>12</sup>. Pois desde sempre estava previsto na história da salvação que a religião bíblica era destinada a tornar-se a religião do Povo de Deus entre todas as nações do mundo.

## Conclusão

As tradições milenares das religiões bíblicas, sem excluir as terapias orientais de aliviar as dores corporais e psíquicas, interpretam o sofrimento com sua sabedoria peculiar. A Igreja possui – desde sua tradição mais venerável – “um sacramento dos enfermos”, expressão litúrgica da comunidade cristã em solidariedade com os que sofrem. Mais significativa em todas as situações dolorosas da humanidade é a vida de Jesus Cristo que “*tomou as nossas enfermidades e sobrecarregou-*

<sup>12</sup> Cf. *O Coro dos Escravos Hebreus*, no terceiro ato da ópera “Nabucco” de Giuseppe Verdi (*Va, pensiero, sull'ali dorate*, “Vai, pensamento, sobre asas douradas”), que se inspirou no texto deste Salmo e se tornou uma música-símbolo do nacionalismo italiano da época. Cf. <[http://www.youtube.com/embed/G\\_gmtO6JnRs](http://www.youtube.com/embed/G_gmtO6JnRs)>.



*se com os nossos males” (Mt 8,17). É o homem das dores porque é o libertador de todo sofrimento. A experiência da fé, quando realmente verificada na vida, fundamenta-se na esperança do Ressuscitado: “No mundo – diz-nos Jesus – haveis de ter aflições. Coragem! Eu venci o mundo” (Jo 16,33).*

***Endereço do Autor:***

Colégio Catarinense  
Rua Esteves Júnior 711,  
Caixa Postal 135  
CEP 88015-130 Florianópolis, SC  
E-mail: [lstadelmann@hotmail.com](mailto:lstadelmann@hotmail.com)